

Caracterização da paisagem da Comarca de Caldas [MG], a partir de uma coleção de jornais locais (1875-1888)

Marina Aparecida de Melo Andrade



Mestranda em Engenharia Civil, Área de Recursos Hídricos, Energéticos e Ambientais. (Labore) Laboratório de Empreendimentos / (FEC) Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo / (Unicamp) Universidade Estadual de Campinas. Arquiteta e Urbanista. Poços de Caldas [MG], Brasil. <marinaarquitetura@hotmail.com>.

André Munhoz de Argollo Ferrão



Engenheiro Civil, Arquiteto e Urbanista. Mestre em Engenharia Agrícola, Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Professor Livre Docente, Unicamp. Coordenador do Labore / FEC / Unicamp. Campinas [SP], Brasil. <argollo@fec.unicamp.br>.

CONPADRE'2010. Apresentado no 5º Seminário de Arquitetura Rural [Conpadre n.01/2010], Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional. Campinas e Jaguariúna [Brasil], 2010.

Resumo

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas. Trata-se de descrever o processo de construção da Paisagem Cultural da Comarca de Caldas, tendo como elemento provocador os jornais locais, no período de 1875 a 1888, que apresentavam os pontos de vista das pessoas mais influentes daquela comunidade. Os periódicos são os espelhos através dos quais se quer enxergar a ordenação do território. Esse lugar foi interpretado através dos olhares de redatores e editores, podendo trazer a realidade, ou uma distorção da mesma, o que não invalidaria seu conteúdo, mas sim mostraria a influência destes personagens agentes. A diferença neste projeto é a interpretação textual do processo de construção da Paisagem Cultural e da ordenação do território em foco, no período proposto, através apenas dos jornais locais; permitindo a construção de mapas a partir do olhar, leitura, interpretação, imaginação e registro dessa abstração de realidade, resultado da interpretação textual; e a abordagem em um período com pouco ou nenhum registro na região.

Palavras-chave

Paisagem Cultural, ordenação do território, Caldas, jornais.

District of Caldas [MG], the landscape characterization from a local newspapers collection (1875-1888)

Abstract

This paper is part of a Master Degree research, developed at the Unicamp (State University of Campinas). It describes the process of building the Cultural Landscape of the District of Caldas [Minas Gerais], with the local newspapers as the starting factor. The newspapers present the views and opinions of the most influential people of that community, so they are taken as mirrors through which we want to see the process of territory shaping. The period analysed is 1875 to 1888. This place was interpreted through the eyes of writers and editors, so it could bring to reality a certain distortion of it, which does not invalidate its contents, but show the influence of these actors. The difference in this project is the textual interpretation of the construction of Cultural Landscapes and the ordination of the territory, in the proposed period, only through local newspapers; allowing the construction of maps based on looking, reading, interpretation, imagination and registration of this reality abstraction, a textual interpretation result. The period taken to this study has a little or no registry in that region, so it is a significant contribution.

Keywords

Culture Landscape, regional planning, Caldas, newspapers.

Introdução

Ao se tomar contato com a coleção de jornais caldenses do final do século 19 logo se pode constatar que se tratar de um produto ímpar. O objetivo deste trabalho é registrar aspectos da formação da paisagem da região de Caldas [MG], a partir de uma visão ocidental, contemporânea, através dos registros de quem as presenciou, vivenciou, levando-se em conta a época abordada e o entendimento de seus hábitos. Tomou-se, para este fim, a mencionada coleção de jornais locais.

Trata-se de uma visão distinta, de caráter urgente e necessário, já que a maioria das referências sobre o lugar tomado para este estudo é derivada de estrangeiros visitantes e suas respectivas percepções pessoais sobre os costumes e a sociedade, registrados em relatos, desenhos e pinturas.

Numa época em que as informações se transmitiam através da escrita e da oralidade, os jornais possuíam um papel fundamental no registro da história do cotidiano, especialmente no que diz respeito à comunicação da informação entre as pessoas, à propaganda de seus serviços e comércio, à divulgação de suas atividades e do seu trabalho, certamente influenciando as opiniões explicitava um determinado cenário cultural.

Alguns questionamentos iniciais devem ser salientados. Os habitantes da Comarca de Caldas tiveram consciência da paisagem e do efeito de suas ações sobre ela durante o final do século 19? Quais as visões de paisagem de seus moradores e visitantes?

Os habitantes da região provavelmente percebiam suas imparidades, sua paisagem. Pelos jornais será possível a coleta dessas informações. Através da imprensa, do registro de quem vivenciou o lugar, é possível o entendimento da paisagem de Caldas no período proposto.

O estudo da paisagem associada ao patrimônio local é relativamente recente no Brasil, assim como as linhas de pesquisa que se dedicam a ele. O desenvolvimento deste trabalho no Laboratório de Empreendimentos – o Labore – da Área de Recursos Hídricos, Energéticos e Ambientais (DRH / FEC / Unicamp), sob coordenação do professor André Argollo permitiu que se elaborasse um croqui esquemático remetendo ao mapeamento da paisagem da região de Caldas [MG] no período em tela. Também a série de encontros proporcionados pelo Laboratório de Memória da Arquitetura Regional – o LaMAR –, da PUC Minas, campus Poços de Caldas, sob coordenação do professor Antonio Carlos Rodrigues Lorette foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

O material analisado permite novas possibilidades de interpretação, com base na posição e memória da realidade vista através do olhar das pessoas que vivenciaram o lugar, trazendo à tona o cotidiano dessas pessoas, através da leitura em fontes primárias, impressas, repletas de informações sobre o conhecimento, hábitos, costumes, história do cotidiano, à espera de uma revisita.

A diferença neste projeto é a interpretação textual do processo de construção da Paisagem Cultural e da ordenação de um determinado território, no período proposto, através somente de jornais locais; mapas a partir do olhar, leitura, interpretação, imaginação e registro dessa abstração de realidade, resultado da interpretação textual. Além disso, a abordagem de um período com pouco ou nenhum registro na região constitui-se em contribuição significativa para a compreensão do seu processo de desenvolvimento.

Paisagem Cultural

Paisagem cultural é um “âmbito geográfico” associado a um “evento”, a uma “atividade” ou a um “personagem” históricos, que contém valores estéticos e culturais. É o vestígio do trabalho sobre o território, algo assim como um memorial do trabalhador desconhecido. É o registro do homem sobre o território, como um texto que se pode escrever e interpretar, entendendo o território como uma construção humana (SABATÉ, 2004, p.5).

A paisagem cultural numa determinada região representa os trabalhos combinados da natureza e do homem. Eles são ilustração da evolução da sociedade humana no tempo, baixo a influência das limitações e/ou oportunidades físicas apresentadas por seu ambiente natural, de sucessivas forças sociais, econômicas e culturais tanto externas quanto internas. Eles devem ser tomados para estudo com base em seu sobressalente valor universal e na sua representatividade em relação à região, distinguindo-a de outras regiões.

Paisagem cultural é um espaço comunicativo, que acumula e transmite informações, levando ao desenvolvimento territorial. Permitindo inserir o “cidadão-aprendiz” na perspectiva histórica e de identidade do grupo social a que pertence, transmitindo-lhe conteúdos éticos e de cidadania.

A natureza e a cultura, assim como a memória e as paisagens culturais, frequentemente adquirem uma significação crescente no uso e ordenação do território pós-industrial, usados como valorização desse território fazem parte de um conceito novo de patrimônio, de acordo com Joaquín Sabaté. Seu potencial como instrumento de intervenções e de renovação de métodos traz às paisagens culturais crescente importância no desenvolvimento econômico regional.

O patrimônio interpreta o lugar da memória, o território reforça sua identidade, no que surge o conceito de paisagem cultural (SABATÉ, 2007, p.54).

Os principais recursos das paisagens culturais são os próprios habitantes do local, eles são a memória viva do passado, possuem a lembrança dos processos, do imaterial, são agentes desses processos, são o recurso cultural básico.

O surgir da base vem da consciência da importância do homem no processo, pois a cultura é a relação dos homens entre si, e deles com o território. Os moradores devem ser incentivados a colaborar, e a troca é feita oferecendo lazer, preservação,

trabalho e educação, pois só o olhar educado é capaz de perceber a importância dos recursos patrimoniais para o local.

Os espaços contam uma história, e o homem é o centro deste enredo, que deve ser coerente e ter um fio condutor, pautando uma viagem baseada em documentos rigorosos, imagens, áreas, centros de interpretação, conexão temporal e contextual. (SABATÉ, 2007, p.65).

O olhar sobre a paisagem

A paisagem transborda diversas possibilidades, há sempre algo além do conhecido, uma constante mutação.

A representação da natureza, a paisagem, é objeto de observações e representações diversas, é afetada pelo homem e o afeta, o interroga, porque é o reflexo dos seus pensamentos, expectativas e perspectivas. O exterior reflete o interior, e o mundo é visto através de olhares carregados de pensamentos, dúvidas, medos, sentimentos. O ser olha diretamente para o mundo, se relaciona com o que vê. E para cada indivíduo há uma interpretação, olhares diferentes, com percepções diferentes, a experiência é pessoal.

O ser humano mantém uma relação com o mundo visível, convive com o espaço, mesmo sendo os dois elementos diferentes, de medidas diferentes, mas acabam por estarem justapostos. O indivíduo relaciona o espaço com seus valores pessoais, morais, e o escolhe como modo de vida e meio de expressão. O espaço nunca é inocente. O espaço passa a ser uma extensão do ser, que o expõe. Não é a grandeza da extensão do lugar que exhibe a grandeza da alma, mas sim suas escolhas para esta paisagem (BESSE, 2006, p.13).

No século 16 as nomenclaturas utilizadas para descrever as representações tanto da geografia quanto da paisagem eram as mesmas, na cartografia e na representação artística da paisagem (BESSE, 2006, p. 18). Nesse momento os cartógrafos e pintores cumprem uma mesma função, a leitura da paisagem ou sua representação, e compartilham com médicos, arquitetos e engenheiros. A leitura da paisagem era um patrimônio comum da época, e não era entendida como um fragmento do olhar, mas como a interpretação do espaço de existência do sujeito, como um inventário de qualidade e natureza próprias. O registro das paisagens passou a ser feito em mapas e telas, mas também em fachadas, tetos, paredes externas, e salas.

A tendência de registro da paisagem à época passa pelo consenso de “paisagem do mundo”, uma tentativa de registrar o que havia além do horizonte, uma descrição da terra, a experiência visual da diversidade terrestre (BESSE, 2006, p. 23). Os signos do espaço são destacados, árvores, rios, caminhos, rochas, construções, um espaço no tempo, assim como o modo de utilização do espaço, o registro de um momento na história. O homem cumpre sua função de contemplar o mundo. De um lado o sujeito, do outro o objeto, e o ser se torna um observador distante, mas ao mesmo tempo faz parte deste mundo que vê, e o enxerga sob seu ponto de vista, o que traz a

fragilidade da sua interpretação. Porém, ainda segundo Besse (2006), tal fragilidade está bem mais ligada a questões modernas, da tentativa de se ter uma síntese única e dada como certa e universal, do que realmente um questionamento de uma determinada opinião pessoal. Por isso essa pretensa fragilidade não invalida o registro pessoal. A observação cercada de valores pessoais coloca sobre a paisagem um questionamento estético, pois, mais que apenas olhar, o ser pensa, medita e anda, o mundo se torna uma experiência paisagística.

Paisagem rural e produtiva em Minas Gerais

É no âmbito geográfico, na natureza e planaltos das Minas Gerais, que se desenha uma paisagem cultural diretamente relacionada às ações das atividades do homem sobre o espaço, eventos sócio-culturais e personagens históricos que deixam suas pegadas sobre o território, patrimônio associado à memória e ao lugar, tendo como resultado a consequência do modo de utilização do espaço.

Os primeiros registros desta paisagem se confundem com a chegada dos bandeirantes à sua paisagem natural. Passa a existir uma relação da sociedade e da natureza, da floresta e do homem. As intervenções na paisagem passam a ser consequência dos ciclos econômicos, da busca de riqueza. As transições econômicas e as consequentes estruturas e ações sociais e mentais marcam este território, sua população e sua paisagem, como afirmou Warren Dean (1996) ao tratar da história e da devastação da Mata Atlântica brasileira. Alguns viajantes, como Saint-Hilaire, chegaram a registrar em seus relatos a preocupação com os recursos naturais.

A fartura da região certamente era atraente aos olhos da Coroa portuguesa, muitos minérios, áreas auríferas, ouro encontrado em leitos de córregos, atraíam os colonizadores-exploradores portugueses.

Ao fim do ciclo da atividade mineradora, os garimpeiros adotaram a lavoura e a pecuária, estendendo seus domínios para o interior, regiões muitas vezes intocadas, cenário em que se enquadra a região de Caldas. Pessoas e tecnologias eram trazidas de Portugal para ensinar os novos agricultores, mas havia um aparente receio por parte destes, temor de uma nova postura e legislação por parte da Coroa, o que desestimulava um comportamento de efetiva fixação. Os desafios naturais eram muitos, como também os insetos e as pestes.

Regiões de pastos naturais incentivaram a pecuária. O gado representava a principal fonte de proteína do colonizador europeu. As raças predominantes eram rústicas, adaptadas à topografia, e dispensavam a intervenção humana. Depois das primeiras gerações de gado, que degradavam o ecossistema primário, já surge a necessidade do plantio de novos pastos.

Caldas e região

“Caldas não era mais que um sertão agreste. Não passava de uma pequena e pobre aldeia de bugres espalhados aqui e acolá pelas margens de um Ribeirão que delles conserva ainda hoje o nome.” (PACHECO LESSA. O Caldense, 1878, apud PIMENTA, 1998, p.16).

A cidade de Caldas se localiza no sul do estado de Minas Gerais, fazendo divisa com o estado de São Paulo (Figura 1). A Comarca de Caldas foi criada pela Lei Provincial nº 2.087 de 24 de dezembro de 1874. Esta comarca era então composta também pelas freguesias de Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora da Saúde de Águas de Caldas (Poços de Caldas), São Sebastião de Jaguari (Andradas), e Nossa Senhora do Carmo do Campestre (Campestre), conforme Pimenta (1998, p.207). Portanto, serão estas as cidades que irão compor o recorte espacial deste estudo: Caldas, Poços de Caldas, Andradas, Campestre e Santa Rita de Cássia (Figura 2).



Figura 1. Mapa do Brasil com destaque para a localização de Caldas [MG].

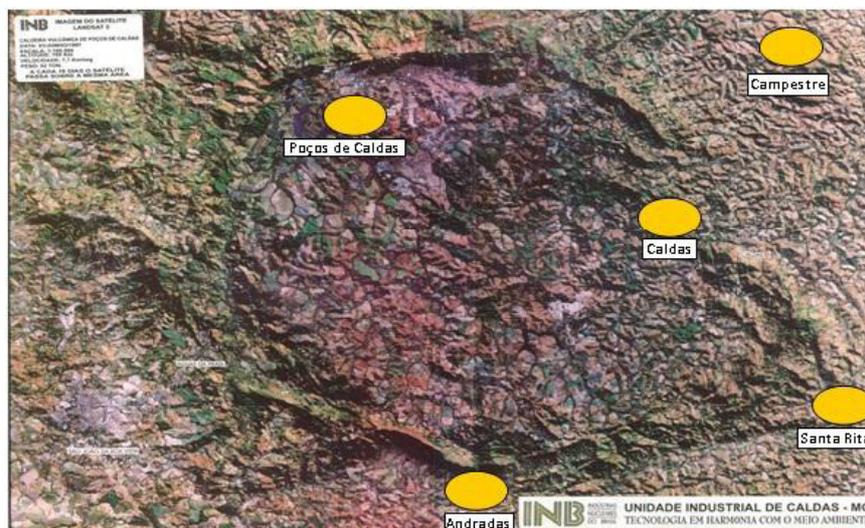


Figura 2. Caldeira vulcânica de Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais. Imagem do satélite Landsat 5, de 01 / jun. / 1997.

O planalto era marcado por quatro rios, seguindo mais ou menos a direção sul-norte: o Capivari, o rio Pardo, o rio Verde e o ribeirão das Antas. A ocupação se iniciou nos pastos naturais do rio Machado e do Capivari, depois, a campanha nativa do rio das

Antas (PIMENTA, 1998, p.18). Assim, surgem nos campos as fazendas das grandes famílias, desbravadores que tomam posse de um lugar sem dono. Muitos se diziam nobres, mas suas origens eram escondidas (PIMENTA, 1998, p.48). Delas, vêm a roça, o milho, o porco, o toucinho, a vaca, o leite, o queijo, e a vastidão dos latifúndios. A hierarquia social tem início na paisagem rural, e se estende até o cemitério. Os escravos são figuras marcantes na produção destas terras vastas e intocadas. A freguesia do Arraial do Rio Verde das Caldas, em 1839 é elevada à vila e logo vira comarca de muitos distritos. O registro da população da região em 1821 é de 591 pessoas, passando a 3.302 em 1829, e a 5.320 em 1833. Já em 1845 conta com 12.845 habitantes, dobrando em oito anos. (PIMENTA, 1998, p. 46 e 48). O desbravamento rumo a oeste continua e acompanha os vales dos rios Mogi Guaçu, Pardo, Sapucaí Mirim e Grande, abrindo fazendas e fundando cidades (PIMENTA, 1998, p. 4).

No princípio, era o Planalto da Pedra Branca, arqueano e fértil. Nele, o Maciço de Poços de Caldas, jurássico e estéril. Habitava um e outro o “Gentil Caiapó” (PIMENTA, 1998, p.11).

Paralela à pecuária e à agricultura, surgiam a curiosidade e o interesse econômico pelas águas sulfurosas. As águas quentes e caldolentas, borbulhando a céu aberto, cheirando a enxofre, prometiam milagres aos doentes sem esperança. Sua fumaça e odor aguçavam a imaginação dos moradores, como a exemplo da lenda do “minhocão”, patrimônio cultural imaterial citado por Saint-Hilaire, que seria um mamífero-anfíbio de tamanho monstruoso que aparecia em época de cheias (MARRAS, 2004, p. 31). A relação com Caldas da Rainha, em Portugal, graças às águas sulfurosas, foi imediata.

Da presença dos antepassados fica outro exemplar de patrimônio cultural imaterial, revivido nas festividades religiosas, na dança a que se dá o nome de “Caiapó”, para a qual as pessoas se fantasiavam de índios, pretos e mulatos, armados de flechas, pintados de cores vivas e coroados de penas, prontos a impedir o “rpto da bugrinha” (PIMENTA, 1998, p. 12).

Material e Métodos

Inicialmente optou-se por adquirir a coleção de periódicos locais. Esta coleção, em sua maioria, se deve ao Dr. Annibal de Paiva Assumpção, que durante sua vida guardou cada um dos exemplares com todo o zelo e conhecimento que possuía, sendo muitos destes impressos anteriores ao seu nascimento. Nesse gesto simples de colecionador deixou um legado de enorme riqueza histórica e cultural.

Outros colecionadores contribuíram para complementar a coletânea de jornais adotada como fonte para este estudo: Maria Clementina de Assis Assumpção, Hamilton Garcia Assumpção e Cirilo Garcia Pereira Ottoni.

Muitos dos jornais que compõem a coletânea apresentam trechos bastante ilegíveis, talvez pela qualidade da tinta com que foram impressos, ou possivelmente pela

técnica de impressão empregada. De fato, eles podem estar se apagando pela ação do tempo, ou uma combinação de todos esses fatores. Alguns exemplares possuem partes faltantes (páginas inteiras ou partes de páginas do jornal). Porém tais fatores não comprometem o todo e sua relevância.

A coleção foi digitalizada por Fábio Ottoni e o estojo com CDs de arquivos em extensão JPG, foram adquiridos por Marina Andrade para fins de pesquisa.

Organização dos exemplares da coleção de periódicos da imprensa caldense, de 1875 a 1888

Organizar os exemplares da coleção era necessário para se ter domínio do material. Os documentos digitalizados foram divididos em pastas com o nome correspondente a cada jornal. Ao abri-las existem pastas com nomenclaturas correspondentes aos anos dos impressos (1875 a 1888), sucessivamente com os meses (janeiro a dezembro), posteriormente com as datas (dia, mês e ano), e finalmente com os arquivos de imagem.

Para se ter de forma mais clara a visualização de todos os periódicos simultaneamente, e para quantificar o material e planejar sua leitura, foram elaborados Quadros e Tabelas com a relação dos exemplares da coleção de jornais do período proposto para este estudo, já que a coleção abrange um período bem maior. Ainda nesta etapa os arquivos foram classificados e quantificados sem necessariamente serem abertos.

Todas as páginas dos impressos existentes de 1875 a 1888 foram abertas, utilizando o programa Microsoft Office Picture Manager, com visualização automática de 24%. Desta maneira já se detectou a existências de eventuais imagens a partir do ano de 1876.

Utilizando visualização de 100%, estas imagens foram selecionadas, com margem referente à coluna onde estavam inseridas. Então foram incorporadas ao conjunto de pastas anteriormente criadas para o desenvolvimento desta pesquisa, e foram relacionadas como imagens existentes nos periódicos, acompanhadas da listagem dos impressos, data, número, página e coluna onde estão localizadas, assim como sua repetição em outros exemplares, acompanhando informações relativas às mesmas, conforme exemplifica da Figura 3.

	COMENTARIO
	Um anjo ajoelhado rezando em frente a uma cruz é uma imagem que apareceu em três anúncios de missa para a alma de falecidos.
	JORNAIS
	Jornal O Caldense, 20 de fevereiro de 1876, pág. 4 [c]
	Jornal O Caldense, 05 de março de 1876, pág. 4 [d]
	Jornal O Caldense, 18 de novembro de 1877, pág. 4 [d]

Figura 3. Parte de um dos Quadros desenvolvidos para esta pesquisa, correspondente à catalogação da “imagem anjo”.

Entendendo a importância dos redatores, editores e gerentes dos jornais,

personagens que registraram a história, foi feita a identificação destes, acompanhada de informações sobre o período de atuação e endereço da tipografia, quando havia o dado correspondente, conforme a Figura 4. Estes foram retirados dos cabeçalhos dos jornais, na primeira página, utilizando a visualização de 100% (função do *software* mencionado).

JORNAL O CALDENSE		
Fase 1	Período	De 10 de outubro de 1875 a 12 de dezembro de 1875
	Redator chefe	Dr. Pedro Sanches de Lemos
	Editor	Arthur Logobardo de Salles
Fase 2	Período	De 02 de janeiro a 29 de outubro de 1876
	Redatores	Diversos
Fase 3	Período	De 05 de novembro de 1876 a 10 de novembro de 1878
	Redator e editor	Thomas Pacheco Ferreira Lessa
	Endereço	Rua do Conde d'Eu n. 21
Fase 4	Período	08 de junho de 1879
	Redator chefe	Thomas Pacheco Ferreira Lessa
	Editor gerente	Eduardo Monteiro de Meirelles Leite

Figura 4. Parte de um dos Quadros elaborados para esta pesquisa. Relação de redatores e editores do Jornal O Caldense, de 1875 a 1888.

Finalmente, durante o período em que procedeu-se à leitura dos jornais, sentiu-se a necessidade de se criar uma lista com a relação de todos os artigos, o que facilitaria um possível acesso posterior e a visualização rápida do conteúdo de cada exemplar.

Então foram criados Quadros com este conteúdo a cada impresso classificado, conforme exemplifica a Figura 5.

JORNAL	O Caldense	
REDATOR CHEFE	Dr. Pedro Sanches de Lemos	
EDITOR	Arthur Logobardo de Salles	
ANO/CIDADE/DATA/Nº	Ano I – Cidade de Caldas, 10 de outubro de 1875 – nº 38	
	ARTIGO	LOCALIZAÇÃO
	AGUAS MINERAES – Relatório de análise qualitativa e quantitativa das águas thermaes dos poços de Caldas – continuação do n. 37	(p.1 [a-d], p.2 [a-d])
	FOLHETIM – Uma noite de Cleópatra (versão de S. de Mendonça) – Capítulo III	(p.2 [a-d], p.3 [a-d])
	VARIEDADE – Beleza e Miséria da Vida – tradução no Caldense (continuação do n. 35)	(p.2 [d], p.3 [a-c])
	POESIA – Chamma de amor	(p.3 [c-d])
	A PEDIDO – Agradecimento	(p.3 [d], p.4 [a])
	NOTICIARIO (Chegada / Reforma eleitoral / Regresso / Variola / Correio de Assu / Meteorologia)	(p.4 [a-c])
	ANNUNCIOS (Rio de Janeiro / 200:000 / Colégio de Santa Cruz em S.Gonçalo da Campanha)	(p. 4 [d])

Figura 5. Relação de artigos em Quadro. Parte de um dos Quadros criados para esta pesquisa, organizados por Marina Andrade, em 2010.

Busca por exemplares em outras instituições

Após a classificação e a conclusão da listagem dos exemplares de jornais existentes no acervo formado para esta pesquisa, constatou-se que havia algumas ausências, periódicos faltantes. Buscou-se em outras instituições por complementá-lo.

Os acervos de Poços de Caldas [MG] foram visitados, como o do Instituto Moreira Salles, o do Museu Histórico e Geográfico e o das Thermas Antonio Carlos, porém não foram encontrados exemplares dos períodos nestas instituições.

O Arquivo Público Mineiro digitalizou os jornais mineiros e os disponibilizou *on line*. Após pesquisa no seu *site*, não foram encontrados exemplares correspondentes ao período de 1875 a 1888.

Buscou-se exemplares da coleção também na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde foram encontrados três impressos micro filmados: “Crença Liberal, de 12 de julho de 1880”; “Gazeta de Caldas, de 04 de setembro de 1881”; “Correio da Semana, de 01 de novembro de 1885”. Destes três, somente o primeiro vem a contribuir, pois não pertencia ao acervo composto por Marina Andrade.

A pequena quantidade de exemplares encontrada nas instituições pesquisadas de forma alguma foi frustrante, ao contrário, reforça a importância e a imparidade do acervo pessoal, com 148 exemplares, composto por Marina Andrade.

Leitura e entendimento de informações a partir dos exemplares disponíveis

Tendo como enfoque a paisagem cultural, os subtítulos dos jornais e os artigos correspondentes foram divididos de acordo com o recorte estipulado nesta pesquisa. Os jornais locais foram lidos, focando a Paisagem Cultural e o entendimento da ordenação territorial da Comarca de Caldas [MG], no período de 1875 a 1888. Todas as informações constantes nos periódicos que pudessem interferir na constituição da paisagem da região de abrangência da Comarca de Caldas fizeram parte desta pesquisa.

A partir da leitura dos artigos foram criados parágrafos resultantes da compreensão das informações obtidas. Estes foram contextualizados posteriormente no corpo do texto gerado, tendo sido assinalado em “negrito” os elementos relevantes para a construção do mapa que refletiria o território através dos periódicos.

Produção de croquis dos assentamentos, síntese das informações obtidas e das ilustrações complementares

Para acompanhar a evolução do processo de constituição da paisagem da Comarca de Caldas no período de 1875 a 1888, optou-se por apontar as informações colhidas a partir da leitura dos jornais locais, adaptando-as a uma linguagem de fácil apreensão visual, num croqui que remete a um “pretensso mapa” a ser oportunamente construído. A imagem utilizada como “mapa-croqui” base para registrar a evolução da leitura de paisagem cultural e ordenação territorial da comarca de Caldas através dos jornais corresponde ao “Pormenor da Carta da Província de Minas”, de 1862, que precede, assim, o primeiro exemplar da coleção, de 1875. Os croquis também podem ser considerados ao mesmo tempo como “instrumento” e “resultado” da leitura e compreensão dos textos dos jornais. Como exemplo, a Figura 6 apresenta o “croqui-mapa” resultante da leitura de 20% dos periódicos na íntegra, tendo como foco a região de Caldas [MG].

1996.

SABATÉ BEL, Joaquín. Paisagens culturais, consequência da pós-modernidade? In: **Observatório da paisagem**. II Seminário Internacional sobre Paisagem. 21, 22 e 23 de outubro de 2004, 19 p.

_____. Paisajes culturales y desarrollo local: ¿Alta costura o *prêt a porter*?. **Labor & Engenho**, Campinas [Brasil], v.1, n.1, p. 51-76, 2007. Disponível em: <www.conpadre.org> e <www.labore.fec.unicamp.br>.

MARRAS, Stelio. **A propósito de águas virtuosas**: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 479 p.

PIMENTA, Reynaldo de Oliveira. **O Povoamento do Planalto da Pedra Branca** – Caldas e região. / obra póstuma. Completa.

FONTES PRIMÁRIAS:

Jornal O Caldense. Caldas [MG]. Coletânea (10/10/1875 a 08/06/1879).

Jornal Gazeta de Caldas. Caldas [MG]. Coletânea (06/03/1881 a 19/02/1882).

Jornal Aurora Mineira. Caldas [MG]. Coletânea (05/06/1881 a 19/06/1881).

Jornal Correio da Semana. Caldas [MG]. Coletânea (18/10/1885 a 08/01/1888).